

O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE OCUPAÇÃO DA FAGED/UFC EM 2016: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS EM CULTURA DIGITAL

TÂNIA GORAYEB SUCUPIRA

Cursando Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2014-2015), Pós-Graduação Lato Sensu, em nível de Especialização, em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (2010-2011), pela Faculdade Kurius, Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (2003-2008). Pesquisadora do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME) da UFC. Professora vinculada à Secretária Municipal de Educação de Fortaleza desde 2010.

KARLA COLARES VASCONCELOS

Mestre e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, com linha de pesquisa em História e Memória da Educação. Atualmente é membro do LAPEDI - Laboratório de Práticas Educativas Digitais, que estuda sobre as práticas educativas e as subjetividades do corpo dentro e fora dos meios midiáticos. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista CNPq.

E-mail: karlinha@virtual.ufc.br

CRISTINE BRANDENBURG

Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Bolsista CNPq. Especialista em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (2017). Possui graduação em Fisioterapia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2008).

E-mail: crisfisio13@gmail.com

Introdução

O presente trabalho é parte de pesquisa para doutoramento em Educação e mostra o ativismo estudantil na Faculdade de Educação – Faced/Universidade Federal do Ceará (UFC), nos meses de novembro e dezembro de 2016, quando os estudantes radicalizaram protestos políticos e ocuparam o prédio da Faced. A conjuntura crítica daquele momento envolvia a polêmica do *impeachment* da presidenta Dilma Roussef e a impopularidade de Michel Temer, que ascendeu à presidência com um programa de governo de extrema austeridade fiscal e grandes cortes de investimentos nas áreas sociais.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) ¹e as Práticas Educativas Digitais (PED) ² vistas em Kenski (2004) e Martins (2012), respectivamente, estão em evidência neste estudo porque os ocupantes recorreram a estas tecnologias para socializar a agenda de atividades e interagir de forma massificada no ciberespaço: expor a contestação, reforçar palavras de ordem, atualizar informes e divulgar a programação diária de atividades políticas, pedagógicas e culturais.

Para Lèvy (2000, p. 17)“o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” e as PED se encaixam muito bem neste contexto edu-

¹ Usaremos a sigla TDIC para definir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

² Usaremos a sigla PED para definir Práticas Educativas Digitais

cacional inovador de ambientes virtuais. A expansão rápida e crescente do acesso a dispositivos tecnológicos favorece a ampliação do raio das comunicações, e o ambiente de multimídia permite interação e riqueza de recursos audiovisuais para as mensagens, potencializando o apelo para a adesão ao ativismo.

Releva destacar tecnologias informacionais eletrônicas nas interações entre grupos sociais não só pela multiplicidade de linguagens que o ciberespaço proporciona para a comunicação e pelo avanço da cultura digital no cotidiano social moderno, mas também porque percebemos que estudantes se apropriam das PED para sistematizar e difundir conteúdos de (in)formação política, em função da velocidade de fluxo e amplitude de alcance das mensagens.

Partindo da premissa de que o movimento de ocupação dos estudantes na Faced utilizou a comunicação digital em diversas redes sociais importa saber: em que medida o ciberespaço contribuiu para a mobilização do grupo durante o ativismo estudantil? Como a ocupação utilizou a teia digital para apoiar as atividades do movimento na Faced? Que mídias, mensagens e conteúdos foram privilegiados nas agendas postadas nas redes sociais? Como transcorreram, concretamente, atividades que foram divulgadas virtualmente?

Esperamos encontrar respostas a tais indagações ao pesquisar o uso de TDIC pelo movimento estudantil durante a ocupação, analisando nas postagens da página virtual³ da ocupação as influências da mídia eletrônica nos registros da história, memória e fomento da cultura digital. Especificamente, trata-se de elencar nos ambientes virtuais determinadas publicações de caráter educativo e com contornos políticos, a fim de compreender aspectos pedagógicos e de exortação ao ativismo.

³ <https://www.facebook.com/ocupafacedufc/>

Elencamos a metodologia História Oral em estudos de Meihy e Holanda (2015) para interpretar documentos orais à luz dos fatos sociais em busca de sentimentos, sentidos e significados, porque “cada entrevista biográfica é uma interação social complexa, um sistema de papéis de esperas, de injunções, de normas e valores implícitos”, conforme postula Ferrarotti (2014, p. 73).

A Educação Formal e Não Formal e as Práticas Educativas Digitais

Entre tantas finalidades, a Educação está posta aqui como uma forma de preparar indivíduos para o domínio de recursos científicos e tecnológicos que possibilitem a existência com o máximo possível de bem-estar e qualidade de vida em sociedade. De forma natural a educação acompanha o desenvolvimento do homem ao longo de toda a vida, mas este instituto também segue padrões e sistemas. Pode ser considerada Formal, ou seja, desenvolvida em instituições educacionais; ou Não Formal, cultivada fora de estabelecimentos. Gadotti (2005) apresenta estes conceitos bem definidos:

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conce-

der certificados de aprendizagem. (GADOTTI, 2005, p. 2).

Caminhando por esse pensamento sobre a Educação, nos deparamos com as Práticas Educativas. A concepção de Nélisse (1997) remete para um “fazer ordenado”, no qual a prática educativa deve ser uma ação planejada: o ato feito é contemplado, refletido e submetido à crítica, a todo o momento e em cada etapa a ser seguida. Já Libâneo (2005) defende que práticas educativas são manifestações que acontecem naturalmente nas sociedades como processo da formação humana. Não se limita à escola e à família, ultrapassando quaisquer limites, elas acontecem em diversos contextos, âmbitos e modalidades. Paulo Freire (2006) confere às práticas educativas um papel ainda mais singular para a formação política do indivíduo: ele afirma que aprender significa as ações de construir, reconstruir e constatar para mudar.

Em Kenski (2004), vimos a aplicação de práticas educativas nas instituições escolares através do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), trazendo o conceito das Práticas Educativas Digitais e Takahashi (2000) completa nossa reflexão acerca de educação como alicerce de formação da sociedade, quando postula que com o advento das TDIC, a educação deve proporcionar a interação entre o homem e a tecnologia.

Vasconcelos (2014) afirma que as Práticas Educativas Digitais –PED vêm se sobrepondo nos ambientes virtuais mudando o contexto comportamental da sociedade e trazendo novas práticas de ensino nos ambientes digitais. Já Santana (2010) trata as práticas educativas digitais como espaços educativos dentro da cultura digital que sofrem a influência das ferramentas digitais inseridas nos artefatos culturais digitais e Martins (2012, p. 313) complementa: “[...] produção de conhe-

cimento em redes orientadas pela cultura digital”. Em suas palavras:

A educação dimensionada nas práticas educativas digitais orientadas para uma formação de identidade de projetos nos aparece mais aconselhada para superar os desafios impostos pela sociedade, e para ‘redefinir a posição’ dos indivíduos na tomada consciente de decisão. (MARTINS, 2012, p. 314).

As PED estão presentes no novo contexto educacional que são os ambientes virtuais, que Pierre Lèvy (2000) denominou como Ciberespaços e define como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.” (LÉVY, 2000, p. 17). Neste contexto podemos utilizar os ciberespaços para diversos meios de comunicação e interação cultural.

A sociedade contemporânea vivencia transformações no comportamento dos sujeitos de acordo com os impactos das mensagens dos meios de comunicação de massa e a crescente virtualização das informações em ciberespaços, proporcionando um viver em mundo global onde distâncias desaparecem na cibercultura. De acordo com Lemos (2003, p. 7), “a cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna”. Pensando neste novo modelo de convivência é que começamos a pensar sobre o novo conceito de cidadania e em novas possibilidades para o ativismo da sociedade.

O próprio Lèvy (2000, p. 175) nos define que

Uma vez que os indivíduos aprendem cada vez mais fora do sistema acadêmico, cabe aos sistemas de educação implantar procedimentos de reconhecimento dos saberes e *savoir-faire* adquiridos na vida social e profissional,

adequando tecnologias educacionais à demanda por novas metodologias de ensino.

As novas formações críticas da construção do saber encontram na cibercultura um cenário educativo singular, proporcionando aos atores sociais um ambiente de múltiplas linguagens adequado à diversidade da vida contemporânea, ampliando e facilitando a comunicação interativa e a reflexão sobre as práticas educativas dentro do ambiente virtual. Este espaço cibernético de informação e comunicação ofereceu maiores possibilidades para o fomento do ativismo estudantil durante a ocupação da Faced pelos estudantes nos meses de novembro e dezembro de 2016.

A história da ocupação – o desenvolvimento

Dilma Rousseff, eleita presidenta pelo voto direto de mais de 54 milhões dos brasileiros no escrutínio de outubro de 2014 não conseguiu levar a cabo o seu segundo mandato. Logo depois de assumir o novo período, grandes protestos nas ruas e nas tribunas foram desgastando sua imagem e ela foi perdendo rapidamente o apoio do povo nas ruas e dos aliados políticos. Ao longo do ano seguinte, a crise institucional se agravou até ao ponto da instauração de um processo de *impeachment*, em 2 de dezembro de 2015. Desta forma, a jovem democracia brasileira renascida em 1985 encontraria o ano de 2016 fragmentada: imersa em agitado ambiente social de ruptura da ordem política.

O argumento utilizado na denúncia contra Dilma, mais político que jurídico, conforme se vê em Proner *et al* (2016) dividiu opiniões em torno da legitimidade da acusação do crime: responsabilidade fiscal, ou “pedaladas”; discutível, porque foram utilizadas, historicamente, como artifício contábil por outros presidentes e por governadores de todo o país, sem conseqüências.

Em meio a muitas polêmicas e divergências, o pedido de impedimento da presidenta foi aceito e o Congresso Nacional destituiu Dilma Rousseff definitivamente em 31 de agosto de 2016, nomeando para a presidência do país o seu vice, Michel Temer, que assumiu anunciando um programa de governo distinto da antecessora: baseado em medidas econômicas austeras, privatização de setores estratégicos e contrarreformas neoliberais muito impopulares.

Esta conjuntura crítica mobilizou ativistas estudantis em todo o Brasil contra a ruptura institucional. Diretórios acadêmicos articularam movimentos de greves e ocupações em inúmeras instituições de ensino por todo o território. No Ceará, o Diretório Central de Estudantes – DCE de Fortaleza convocou assembleia geral em 3 de novembro de 2016, utilizando a página na rede social *Facebook* para reunir a comunidade estudantil, a fim de deliberar acerca da agenda de protestos na capital.

Foto 1 – Página na Rede Social *Facebook* Diretório Central dos Estudantes – UFC (DCE-UFC)



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupafaceduf/>

A foto 1 mostra o registro da ocasião em que mais de 1700 estudantes lotaram a Concha Acústica na Reitoria da UFC, para uma assembleia histórica, considerada, até aquela data, uma das maiores reuniões de graduandos e pós-graduandos. De forma tensa e tumultuada, o plenário decidiu a jornada de lutas cujas bandeiras enfatizavam o repúdio ao governo (Fora Temer!), considerado ilegítimo e exigiam a retirada da Proposta de Emenda Constitucional nº 241/55, que estabelecia um teto para os gastos nas áreas sociais, prejudicando seriamente a oferta de serviços de saúde e educação à população.

Conforme deliberado, a Greve Estudantil da UFC em 2016 iniciaria naquele 3 de novembro com a proposta de ocupar inclusive os centros de ensino, tão logo fossem realizadas as provas do Enem nos dias 5 e 6 de novembro. Os estudantes saíram em passeata pelas avenidas próximas e o grupo da Faced voltou para o prédio, passando nas salas de aula e convocando os colegas do curso de Pedagogia para uma assembleia nos jardins do centro. Após reunirem cerca de cem estudantes de graduação e pós-graduação, a proposta de ocupar a Faced naquela mesma noite foi lançada:

Junto com outro colega do curso, fomos passando nas salas, em cada uma delas, pedindo aos professores para liberarem logo os alunos para uma assembleia em frente ao centro acadêmico da Faced. Ficamos avaliando...Passamos o que havia acontecido na concha e fomos votar. Éramos mais de cem pessoas presentes: 'Pessoal, existe a proposta de ocupar hoje, agora!' E passou por quase unanimidade. Existia o forte argumento de que a gente iria atrapalhar o Enem, que ia acontecer no sábado⁴.

⁴ Entrevista concedida por Igor Maia aos pesquisadores em 4 de janeiro de 2017, Fortaleza, Ceará. O entrevistado teve acesso à transcrição da entrevista concedida e cedeu o uso das suas falas expressamente, inclusive autorizou a divulgação do seu nome, em acordo com os princípios éticos da pesquisa social.

Foi assim que em 3 de novembro de 2016, cerca de cem estudantes da Faced ocuparam o departamento de Educação da UFC para protestar contra a situação política e econômica, gritando “Fora Temer!!”, “Contra a PEC 55” e “Não à Reforma da Previdência!!”

Michel Temer assumiu o comando do país acusado de conspirar para a queda do governo do qual fazia parte e inicia seu governo impondo à sociedade um programa político diferente daquele que vinha sendo promovido por sua antecessora. As novas diretrizes retomaram com força um conjunto de políticas neoliberais: anúncio de amplo programa de privatizações, corte de gastos nas áreas sociais, alterações nas leis trabalhistas e mudança profunda no regime previdenciário, por exemplo.

Estudos como os de Kohn e Moraes (2007) abordam fenômenos sociais compreendidos sob a ótica de movimentos da contemporaneidade com enfoque na Sociedade Digital e internet, debatendo a preponderância da esfera pública virtual e seu componente de informação política, no que concerne às práticas sociais e os temas econômicos, bem como o estigma da exclusão social, que norteiam cada vez mais novas pesquisas no campo educacional, político e social. A foto 2, a seguir, demonstra claramente o apelo político para garantir o direito de opinar e evoca a liberdade de expressão para reivindicar e divulgar através das mídias sociais.

Foto 2 – Página na Rede Social *Facebook* Diretório Central dos Estudantes – UFC (DCE-UFC) – Divulgação do Ato contra a PEC 55



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupafaceduf/>

A sociedade contemporânea vivencia as transformações do contexto social e político onde está inserida, acompanhando a evolução do comportamento social no ciberespaço, que surge como meio para uma nova forma de comunicação. A virtualização das informações está proporcionando a experiência do viver global e distâncias são quebradas pela cibercultura. De acordo com Lemos (*apud* LIMA & FILHO 2009, p. 7), “a cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna”.

Considerando o modelo hodierno de convivência e interação é possível pensar sobre um novo conceito para cidadão e cidadania, especialmente ao se considerar a interconectividade proporcionada pela cibercultura e que torna a as relações

em redes sociais uma via de comunicação rápida, difusa, e ao mesmo tempo, – um canal para o exercício da cidadania, no momento em que usuários virtualmente manifestam a sua opinião ou transmitem informações.

Foto 3 – Página na Rede Social *Facebook* Diretório Central dos Estudantes – UFC (DCE-UFC) –Palestra Dermeval Saviani



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupafacedufc/>

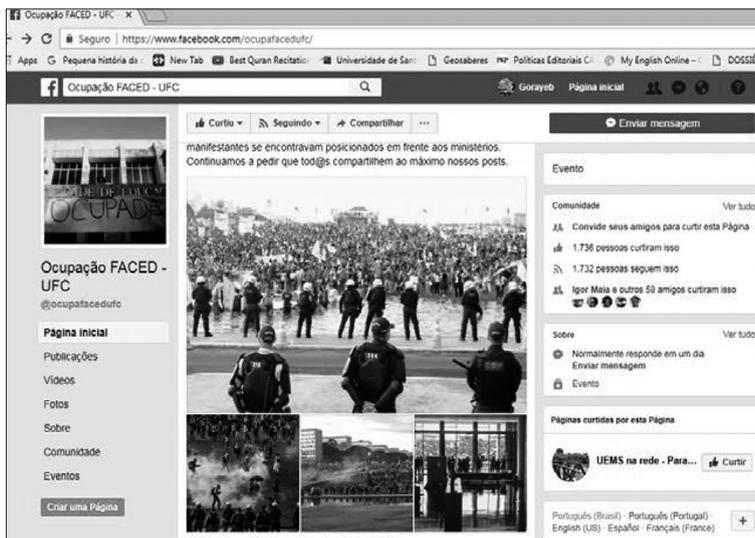
A foto 3 acima destaca a presença de Dermeval Saviani na Faced, durante um encontro para estudos de Gramsci, ocasião em que o estudioso proferiu palestra dissertando acerca de vários retrocessos da educação no país: sucateamento da educação pública e avanço da mercantilização do ensino. Destacou a MP 746 que reforma a matriz curricular do ensino médio e divide opiniões entre especialistas na área da educação, segundo os críticos, reforçando o sucateamento da educação pública.

Os ocupantes da Faced levaram a bandeira da luta contra a precarização do ensino público e gratuito para a cara-

vana nacional que culminou em protestos na Praça dos Três Poderes contra a PEC 241/55, que seria promulgada como EC 95/2016, acabando com as vinculações constitucionais estabelecidas, como no caso dos gastos com saúde e educação.

A postagem abaixo foi compartilhada em rede social digital com a intenção de mobilizar contra a proposta de emenda que limita os gastos sociais por vinte anos. No dia 13 de dezembro de 2016, a proposta seria colocada em votação final pelo Senado e os estudantes planejaram se reunir à massa concentrada em frente ao Planalto para influenciar a decisão dos senadores, a fim de que não aprovassem a proposta definitivamente. O ato descrito aconteceu em diversas capitais do país, concomitante à grande concentração de protesto em Brasília, conforme visto na foto 4, em frente ao Congresso Nacional.

Foto 4 – Página na Rede Social *Facebook* Diretório Central dos Estudantes – UFC (DCE-UFC) – Manifestação em Brasília



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupafacedufc/>

Na carta aberta que compõe a foto 5, os grevistas se dirigem à comunidade reconstituindo obstáculos enfrentados e conquistas percebidas. Eles reforçam a resistência que sofreram para enfrentar as estruturas de poder, mas creditam ao forte desejo de promover a mudança no status o grande impulsionador para a luta e vitória. Não obstante as ameaças de grupos contrários ao movimento e o medo de serem criminalizados, o sentimento de indignação e revolta frente aos anúncios de medidas austeras e de retrocesso a direitos historicamente conquistados pelos antepassados ativistas tornaram seus sentimentos e força ainda mais arraigados para a luta.

Foto 5 – Página na Rede Social *Facebook* Diretório Central dos Estudantes – UFC (DCE-UFC) – Manifesto registrado em forma de carta aberta.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupafacedufc/>

A ocupação da Faced, iniciada em 3 de novembro de 2016, resistiu até 22 de dezembro de 2016, fixando na historiografia dos movimentos estudantis da instituição registros de um cenário histórico, político e educacional de importante ativismo estudantil, incluindo importantes aprendizados, entre derrotas e vitórias.

Os estudantes comemoraram a negociação com o reitor em exercício, o Professor Custódio Almeida, em que conquistaram o compromisso para abrir um canal de diálogo acerca de eleições paritárias, uma reivindicação que pontua pautas de antigas batalhas estudantis, remontando aos primórdios da fundação da Universidade. A direção comprometeu-se em realizar um pleito antigo, até então só em papel, de fornecer de desjejum matinal a estudantes residentes na região metropolitana. Os estudantes tiveram a garantia da não adesão da UFC à portaria 020 do MEC, a qual prevê a redução de vagas para a universidade e estão contando com o compromisso da direção em manter contínuo o fluxo do edital de auxílio emergencial, sem limitação de solicitação, sendo cada caso analisado pela reitoria, bem como a indicação de mais 100 bolsas de iniciação científica.

Considerações Finais

Este estudo procurou mostrar um recorte de um momento histórico, social, educacional e político da historiografia dos movimentos sociais na Universidade Federal do Ceará, com destaque para o ativismo radical dos estudantes que interditarão a Faced em protesto contra o governo que, num golpe parlamentar-jurídico-midiático, ocupou a presidência impondo uma agenda de retrocessos nos direitos sociais e um programa de desmonte de empresas consideradas estratégicas para a soberania nacional.

A comunidade acadêmica, entre alunos de graduação, pós-graduação, docentes, técnicos e demais colaboradores encontraram no espaço acadêmico a possibilidade de manifestar o direito legítimo de mostrar a indignação e o descontentamento, frente à polêmica do *impeachment* da presidenta Dilma Roussef e a impopularidade de Michel Temer, que ascendeu à presidência com um programa de governo de extrema austeridade fiscal e grandes cortes de investimentos nas áreas sociais.

A exemplo de eventos passados, o ativismo estudantil do presente agrega forças aos movimentos sociais, pois sempre estiveram envolvidos em momentos históricos de lutas e conquistas pela forma de se manifestar a cidadania espontaneamente frente a mudanças econômicas, educacionais e sociais que implicam em ameaça a direitos duramente conquistados na busca pela redução das desigualdades.

No entanto, diferente das lutas sociais de um passado recente, a ocupação da Faced em novembro e dezembro de 2016 contou com um importante aliado para interagir com a sociedade entre as mídias eletrônicas. O fluxo de comunicação virtual no processo de ocupação trouxe um elemento novo para a luta, na medida em que o grupo deixa pegadas digitais no calendário da luta social, registrando a história política através da web, abrindo novo canal para a democratização de informações, e redimensionando a própria organização da ocupação, com o auxílio das redes digitais, agregando ao campo de batalha novos parceiros, neste caso, a rede social *Facebook*.

Referências

FERRAROTTI, Franco. *História e história de vida*. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GADOTTI, Moacir. *A questão da Educação formal/não formal*. Sion Institut International des Drois de l'Enfant, 2005.

KENSKI, V.M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas – SP: Papirus, 2004. (Coleção Papirus Educação).

KOHN, Karen; MORAES, Cláudia Herte de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. p. 1-13.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina/ André Lemos Publicações, 2003.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, C.A; SANTANA, J.R. Práticas educativas digitais: Contribuições das redes para o exercício da cidadania. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *História da educação: real e virtual em Debate*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

_____. *Práticas educativas digitais: uma história, uma perspectiva*. 2011. 153 (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar* / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NÉLISSE, Claude (Dir.). *L'intervention: les savoirs en action*. Sherbrooke, Éditions GGC, 1997. p. 17-24.

SANTANA, José Rogério. Metodologia da Pesquisa em História da Educação: Sobre a Produção de Fontes Históricas Através de Recursos Digitais. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo espaço e memória da educação: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

TAKAHASHI, T (Org.). *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciências e da Tecnologia, 2000.

VASCONCELOS, Karla Colares. *As práticas educativas digitais nos museus virtuais*. 2014. 135. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.